

# A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NO AMBIENTE HOSPITALAR

**Cristiana Souza Ceschi<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

O presente ensaio tem o objetivo de compartilhar reflexões, recursos e estratégias utilizadas para contar histórias em hospitais desencadeando uma real transformação no espaço e no outro.

\*

É possível contar histórias fantásticas em um ambiente de urgências? Como o contador de histórias prepara-se e prepara o encontro com o outro nesse lugar permeado por sentimentos como dor, medo, angústia, isolamento? Como ele escolhe suas histórias? Como ele contribui com o processo de cura e ressignificação da vida?

Trabalho há oito anos como contadora de histórias em hospitais públicos e filantrópicos da cidade de São Paulo pela Associação Arte Despertar<sup>2</sup>, e continuo caminhando inspirada por essas perguntas. Pretendo, nesse ensaio, compartilhar algumas pistas e tesouros recolhidos à luz de uma contadora de histórias exemplar: a Sultana Sherazade.

A Sultana Sherazade, na história moldura das Mil e Uma Noites, narra para sobreviver, salvando a sua vida e de outras mulheres ameaçadas pelo ódio do Sultão. Sherazade conhece inúmeras histórias, de todos os tipos, climas e estilos, e sabe que para cada noite ela possui, em seu acervo pessoal, a melhor história para nutrir a imaginação do Sultão. Dessa maneira, olhando, conhecendo e investigando o que é desumano, ela consegue, por meio das histórias, humanizá-lo. Ela não apenas o alegra ou engana, mas estabelece com ele um contato de sensibilidade, apaziguando seu coração e despertando sua consciência (RUBIRA, 2008).

<sup>1</sup> Cristiana Souza Ceschi é atriz, cientista social, mestre em arte-educação. E-mail: cristiana@ofiovermelhodashistorias.com

<sup>2</sup> Para mais informações sobre a instituição, acesse: <http://artedespertar.org.br/>

Ao pesquisar e escolher histórias boas para narrar oralmente, me encontrei no universo diverso, amplo e profundo das histórias da tradição oral: mitos, lendas, contos de ensinamento, causos, histórias que não possuem um autor conhecido e seguem atravessando tempos e espaços, sobrevivendo ao passar dos anos e territórios diversos justamente por sua incrível capacidade de miscigenação. Uma mesma história é contada no sertão nordestino, no Cáucaso e entre os povos do norte do Canadá, por exemplo.

Somente porque as histórias de tradição oral revelam cores e roupagens dos lugares por onde passam, elas permitem que aqueles que entram em contato com seus enredos entrem também em contato com suas próprias histórias por um novo prisma. Como afirma o pesquisador do folclore e da etnografia do Brasil Luis da Câmara Cascudo:

Os contos variam infinitamente mas os fios são os mesmos. A ciência popular vai dispondo-os diferentemente. E são incontestáveis e com a ilusão da originalidade. O conto, tanto mais tradicional, conhecido e querido numa região, mais universal seus elementos constitutivos (1999, p. 20).

Quanto mais diverso em termos de estilo, localização e intenção metafórica for o repertório do contador de histórias, maior a chance de que pacientes ou funcionários do hospital se vejam (através da história) em outros contextos, na pele de outros personagens, se imaginem em uma jornada de aprendizado de maneira íntima e não invasiva, tomando consciência e olhando de maneira criativa e apaziguadora processos imprevisíveis, difíceis, muitas vezes dolorosos para, enfim, acessar dentro de si o seu próprio repertório de soluções e significados para a situação em que se encontram.

Mas, para que tudo isso aconteça, além de uma construção primorosa de um repertório diverso, aprendi pela própria experiência essas três ações, três pistas para contar histórias no ambiente hospitalar:

### **Escuta ativa e aceitação do presente**

O reconhecimento do espaço e o contato olho no olho que antecede a história narrada é crucial para que o encontro realmente aconteça. Penso que antes de qualquer ação artística no ambiente do hospital, precisamos

estabelecer em nós a curiosidade e a disponibilidade amorosa para ver com “o olhar do sim” em uma bem definida “zona de silêncio na qual se inscreve a confiança no outro” (VON ZUBEN, 2001 [1974], p. 6).

Sherazade, nas mil e uma noites, antes de contar a melhor história, ela respirava, abrindo um espaço dentro dela, se alargando e repousando em uma certa quietude. Entrava primeiro em contato com ela mesma e seus recursos para em seguida conhecer e sentir o ambiente, mapeava o que ali se manifestava com a consciência aliada à intuição para assim deixar que o instante falasse, que a melhor palavra, a melhor conversa, a melhor intenção aparecesse para despertar a curiosidade, a sensibilidade, a confiança do Sultão.

Essa confiança pode ou não acontecer se considerada essa qualidade da presença do contador de histórias. Devemos estar preparados para estarmos presentes para além de nós mesmos, nos dissolvendo na cena, na troca, no instante, sempre a serviço do outro, acolhendo incondicionalmente e sinceramente o que acontecer no encontro, sustentados pela esperança de que este será benéfico, nutritivo, transformador. Uma presença esperançosa implica em ter dentro de si um horizonte de possibilidades, uma abertura para o devir que convida as pessoas a trilharem um caminho. Esperança, portanto, não como algo que esperamos receber e sim como uma disposição para caminhar.

Uma presença sincera, delicada e esperançosa nem sempre é alegre, sonora e propositiva para o ambiente. Muitas vezes, o contador de histórias fica quase invisível. Consegue, através de um pequeno gesto, um olhar silencioso, uma história ao pé-do-ouvido, transformar o ambiente como quem abre uma janela para entrar uma brisa, ou quem exala um perfume. O silêncio, a sutileza e o olhar absolutamente interessado no outro é o chão por onde a história pode caminhar.

### **Nutrir a imaginação com alimento simbólico, metáforas**

A cada história contada e nas imagens recriadas pelos olhos de Sherazade, o Sultão desperta quando se imagina como outro, se afeta reconhecendo algo antes escondido sobre ele mesmo, ampliando assim a esfera do seu ser. Tanto contar como ouvir histórias pressupõe

um diálogo com (e entre) as nossas imagens internas, estejam elas na superfície do nosso ser – as imagens prontas, os estereótipos, construídas para o consumo imediato – ou quando a experiência poética de ouvir e contar é mais profunda, dialogando com imagens singulares, com a nossa intimidade de emoções, com uma essência que transforma e organiza o sentido da existência.

Quando ouvimos uma boa história ficamos livres para ir além dos limites impostos pelo que vemos, ouvimos ou sentimos, transpomos as barreiras do real experimentando maneiras distintas de existir. A faculdade da imaginação não forma imagens mentais baseadas apenas no real ou nos fatos da vida; ela é, acima de tudo, uma faculdade transformadora do real e criadora de vida (CESCHI, 2014).

Dessa maneira, a imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que de alguma maneira ressoam a realidade de modo interpretativo e subjetivo:

A imaginação é, antes de mais nada, a faculdade de deformar imagens fornecidas pela percepção, ela é sobretudo a faculdade de nos liberar das imagens primárias, de modificar as imagens. Se não há transformação das imagens, união inesperada de imagens, não há imaginação, não há ação imaginante. Se uma imagem presente não faz pensar em uma imagem ausente, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação. (BACHELARD, 1943, p. 7).

Ao longo desses anos, trabalhando em ambientes em que as pessoas estão encerradas em um diagnóstico, com medo, isoladas de suas famílias, percebo que o exercício de imaginar abre espaço para um caminho de cura. Quando uma história é contada, encaminhamos o ouvinte para o lugar da imaginação criadora, lugar em que não enxergamos o que somos, mas o que ainda podemos ser, acompanhados de um sentimento de que a vida é grande, inesgotável, infinita. Narrar em ambientes de penúria, tendo a morte à espreita, como possibilidade latente é, sobretudo, encontrar um lugar de esperança, que nos coloca em contato com o infinito, o absoluto e um certo tipo de Beleza.

## Revelar a Beleza, a poesia do presente

Muitas vezes em contato com situações limite, de extrema complexidade e intensidade, a Beleza de repente acontece. Trata-se de um instante em que algo se transforma, algo que aponta para o infinito, mas que naquele momento é representado de modo finito. Em que consiste essa Experiência? Um estado de plenitude? Um sentimento de realização interior? Esse estado de Beleza seria mais um horizonte do que um território que se não o buscássemos e de vez em quando o vivêssemos, a vida não teria o mesmo valor.

Por fim, sinto e sou testemunha de que a arte de contar histórias no ambiente hospitalar revela um tipo de Beleza que de repente brota da dureza, da imobilidade. Inspirada por Sherazade, busco me acomodar na dureza dos limites impostos e delicadamente, por meio da escuta, da intuição e da experiência estética, abrir um espaço para, no fluxo desimpedido do encontro, despertar essa Beleza que não sendo imposta, sempre parte do cotidiano para alcançar o sublime (TODOROV, 2006).

---

## REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1999.

CESCHI, Cristiana Souza. **A Menina, o Cavalo e a Chuva**: a arte de contar histórias e a cibercultura. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

COELHO, T. A cultura como Experiência. In: Ribeiro, R. J. (Org.). **Humanidades**: um Novo Curso na USP. EDUSP: 2001. p. 65-102.

DEWEY, John. "Tendo uma experiência". In: **A arte como experiência**. São Paulo: Abril, 1974, col. Os Pensadores, vol XL.

FERREIRA SANTOS, Marcos. Fundamentos antropológicos da arte-educação: por um pharmakon da didaskalia artesã. In: **Revista @mbienteeducação**. São Paulo, v.3, n.2, jul /dez. 2010. p. 59-97.

GALLIAN, D. M. C. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2017.

MACHADO, Regina. **Acordais**: Fundamentos Teórico-Práticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

RUBIRA, Fabiana de Pontes. **Dançando com o Minotauro nas noites**: narração de histórias e formação humana. Tese de Doutorado. São Paulo, FEUSP, 2015.

RUIZ, R. A., **Pulchrum**: Reflexiones sobre la Belleza desde la Antropología Cristiana, Rialp, Madrid, 1998.

TODOROV, T. **A beleza salvará o mundo**: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2018.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. Introdução. In: BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Cortez Moraes, 2001 [1974].